

# UMA NOTA SOBRE A EVOLUÇÃO RECENTE DA ESTRUTURA INDUSTRIAL GAÚCHA

*Flávio Benevett Fligenspan\**

## 1 - Introdução

De todos os problemas que os pesquisadores na área das ciências sociais enfrentam em países subdesenvolvidos, o mais básico se liga à carência de dados, seja no sentido histórico — pela falta de concatenação das séries —, seja pela própria ausência de pesquisas.

O recente dismantelamento do IBGE, órgão maior da pesquisa de dados no Brasil, só agravou esse problema e o fez de uma forma especial, pois trouxe um retrocesso em relação a algumas conquistas já implantadas. Esse é o caso específico dos Censos Industriais, que, desde 1970, passaram a ser confeccionados de cinco em cinco anos. Porém essa periodicidade só durou até 1985, posto que o Censo de 1990 não foi realizado, e nada é possível afirmar sobre a confecção do Censo de 1995.

Não parece necessário ir além nessa digressão inicial sobre a importância dos dados para o conhecimento da realidade e a conseqüente decisão sobre políticas de intervenção. O que interessa para este trabalho é o fato de que se criou uma lacuna de conhecimento sobre as modificações estruturais da indústria gaúcha desde o Censo de 1985.<sup>1</sup>

Foi a partir desse ponto que nasceu a proposta de construção desta nota, que objetiva estimar, ano a ano, a partir do Censo de 1985, a estrutura industrial do Estado —, por gêneros —, considerando o movimento da produção física e dos preços. Assim, na ausência de uma pesquisa ampla, do porte da realizada para os censos do IBGE, estima-se uma aproximação da evolução recente das participações de cada gênero no total da indústria gaúcha.

\* Economista da FEE e Professor da UFRGS.

O autor agradece aos colegas do Núcleo de Estudos Industriais da FEE, em especial a Clarisse C. Castilhos, Daisy S. Zemi e Ricardo Brinco, pelas sugestões a uma versão preliminar do texto. Agradece, também, aos colegas Adalberto Maia Neto, André Contri e Jorge Accurso, do Centro de Contabilidade Social e Indicadores da FEE, pelas sugestões e pela discussão metodológica, e aos estagiários André P. Cordeiro, o qual trabalhou na elaboração das tabelas e do gráfico, e Carlos Salamí.

Na verdade, a lacuna é ainda maior, visto que o Censo de 1985 foi divulgado somente com dados muito agregados, não permitindo, por exemplo, a abertura dos gêneros em grandes grupos e grupos. Assim, a última visão mais completa da indústria gaúcha é a do Censo de 1980, a menos, é claro, que se solicitem dados não divulgados.

## 2 - Breve nota metodológica

O ponto de partida do trabalho é a participação, em 1985, de cada gênero na indústria gaúcha, de acordo com a variável Valor da Transformação Industrial (VTI), visto que é ela que mais se aproxima da noção de valor agregado, ou seja, da noção de produto. Após, seguindo-se a proposta de estimar, ano a ano, a estrutura industrial, multiplicou-se o VTI de cada gênero em 1985 pelas variações dos seus preços e da sua produção no ano de 1986. O mesmo procedimento foi realizado nos anos seguintes, utilizando-se sempre o ano anterior como base. Fez-se o mesmo para o total da indústria de transformação,<sup>2</sup> porém tomando-se o cuidado de estimar um índice de preços para o total da indústria de transformação gaúcha, ao invés de usar o índice da indústria brasileira. Tal estimativa foi feita compondo-se os índices de preços dos gêneros nacionais, ponderados de acordo com a participação de cada um dos gêneros na estrutura industrial gaúcha, conforme a variável VTI no Censo Industrial de 1985. Dessa forma, espera-se ter diminuído o viés de usar um índice agregado para o total da indústria nacional como representativo da indústria gaúcha. Na medida em que se reconhecem as diferenças estruturais entre os dois complexos industriais, tal tentativa colabora para diminuir a possibilidade de erro do exercício proposto.

Deve-se observar que o IBGE somente pesquisa a produção industrial de 13 gêneros da indústria gaúcha e que o ponto de partida assumido, o Censo de 1985, trabalha com a estrutura industrial completa. Assim, foi necessário criar, no presente trabalho, um "gênero", denominado "outros", que compreende todos os gêneros não contemplados nas pesquisas de produção industrial do IBGE<sup>3</sup> e que têm seu crescimento determinado por resíduo, isto é, pela diferença entre o crescimento do total da indústria e o dos gêneros pesquisados. É claro que esse resíduo é distorcido pelas imprecisões remanescentes da fórmula de cálculo adotada, especialmente no que concerne aos índices de preços, onde as distorções em relação à realidade podem ser maiores devido à aplicação de índices nacionais numa estrutura regional.

A partir dos valores estimados para o VTI dos gêneros e do total da indústria gaúcha em 1986, calculou-se a nova estrutura para esse ano. O mesmo processo foi aplicado para cada um dos anos seguintes, até 1992.

---

<sup>2</sup> Foram usados os índices de preços por atacado — disponibilidade interna — da Fundação Getúlio Vargas, específicos para cada gênero da indústria de transformação brasileira; e os índices de produção física do IBGE para cada gênero e para o total da indústria de transformação gaúcha.

<sup>3</sup> Deve-se considerar que há gêneros com expressiva participação no VTI da indústria gaúcha que não são pesquisados. São os casos de couros e peles e produtos similares; mobiliário; e têxtil, com, respectivamente, 3,2%, 2,7% e 1,8% de participação.

### 3 - A estimativa da estrutura industrial

Na Tabela 1 apresentam-se os resultados da estimativa realizada, partindo-se das observações censitárias de 1985 e chegando-se até 1992. Analisando-a em comparação com a Tabela 2, que reproduz os pontos extremos da Tabela 1 e faz o ranking dos gêneros, é possível observarem-se movimentos importantes e não desprezíveis — em magnitude — de alguns gêneros ao longo de um período relativamente curto.

Tabela 1

Estrutura industrial gaúcha de acordo com a variável VII — 1985-92

(%)

DISCRIMINAÇÃO	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992
Indústria de transformação	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Minerais não-metálicos	2,08	2,37	3,15	3,19	3,78	3,38	3,33	3,85
Metalúrgica	9,06	8,70	8,38	7,43	7,74	6,49	7,32	7,47
Mecânica	11,80	13,64	15,55	17,87	19,40	15,73	12,06	12,60
Material elétrico e de comunicações	3,31	3,00	2,91	2,89	3,08	4,05	2,88	2,34
Material de transporte	3,35	4,18	4,57	5,09	4,89	5,95	4,61	4,01
Papel e papelão	2,36	2,18	2,24	2,68	2,77	2,41	2,69	2,63
Borracha	2,44	1,95	1,91	1,83	1,38	1,60	1,62	2,06
Química	13,28	10,77	11,89	9,66	7,61	8,42	7,75	9,19
Perfumaria	0,47	0,47	0,49	0,54	0,59	0,66	0,73	0,92
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	14,28	13,62	10,89	10,74	12,64	10,45	8,41	7,01
Produtos alimentares	17,04	18,03	16,53	17,49	14,78	17,21	22,59	20,93
Bebidas	2,77	2,67	2,43	2,32	2,54	3,62	5,71	5,40
Fumo	3,72	3,70	4,62	5,53	7,09	7,57	8,03	10,58
Outros	14,03	14,72	14,45	12,75	11,71	12,45	12,26	11,02

FONTE DOS DADOS BRUTOS: CENSO INDUSTRIAL 1985: Unidades da Federação; dados gerais (1990) Rio de Janeiro: IBGE, (cópia xerox).  
 CONJUNTURA ECONÔMICA (1988/1993) Rio de Janeiro: FGV. (vários números).  
 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA: Regional; produção física (1986/1992) Rio de Janeiro: IBGE. (vários números).

Tabela 2

Estrutura industrial e "ranking" da indústria gaúcha — 1985 e 1992

DISCRIMINAÇÃO	1985		1992	
	Posição no "Ranking"	% de Participação	Posição no "Ranking"	% de Participação
Indústria de transformação	-	100,00	-	100,00
Produtos alimentares	1	17,04	1	20,93
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	2	14,28	6	7,01
Química	3	13,28	4	9,19
Mecânica	4	11,80	2	12,60
Metalúrgica	5	9,06	5	7,47
Fumo	6	3,72	3	10,58
Material de transporte	7	3,35	8	4,01
Material elétrico e de comunicações	8	3,31	11	2,34
Bebidas	9	2,77	7	5,40
Borracha	10	2,44	12	2,06
Papel e papelão	11	2,36	10	2,63
Minerais não-metálicos	12	2,08	9	3,85
Perfumaria, sabões e velas	13	0,47	13	0,92
Outros	-	14,03	-	11,02

FONTE: Tabela 1

As mudanças mais significativas ocorrem para quatro gêneros, tanto pela posição importante que ocupam na estrutura industrial gaúcha, como pela amplitude da modificação.

O gênero química é um deles. Verifica-se que ele perde apenas uma posição entre os anos extremos da análise, mas isso corresponde a -4,1 pontos percentuais na estrutura industrial. É possível identificar o mesmo movimento de perda de participação através das variações dos preços e da produção de, respectivamente, 15% e 19% inferiores às médias da indústria, ao longo do período estudado.<sup>4</sup> Caso se quisesse localizar no tempo pontos especialmente ruins para o desempenho do gênero, seriam de fácil identificação os anos de 1986, 1988 e 1989, uma vez que combinaram desempenhos abaixo da média para as duas variáveis — preço e produção.

Um segundo gênero destacado por seu desempenho negativo é vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que deixa o segundo lugar no *ranking* em 1985 para ocupar, tão-somente, o sexto lugar sete anos depois, apresentando uma queda recorde de 7,3 pontos percentuais. Tal como no caso anterior, o acumulado do período revela variações de preços e de produção ruins, porém muito mais expressivas nos sete anos estudados — 37% e 22% abaixo da média da indústria respectivamente. Uma diferença em relação à química é o fato de que aqui não há anos destacados como ruins, pois todos os anos apresentaram taxas negativas, com a única exceção do crescimento dos preços em 1989.

Porém, em relação a vestuário, calçados e artefatos de tecidos, é necessário fazer duas qualificações. A primeira refere-se ao decréscimo da produção, que deve estar misturando dois fenômenos. Um deles pode ser uma efetiva queda, mas o outro, que mascara o resultado do gênero, é a incontestável informalização do setor, principalmente nos anos recentes de crise econômica, quando se assiste ao surgimento de um grande número de pequenas empresas, normalmente colocadas à margem das pesquisas. Assim, o que aparece como queda da produção, pelo menos em parte, pode ser creditado à fuga de algumas atividades da estatística oficial.

A segunda qualificação refere-se ao caso específico do Rio Grande do Sul, pois o gênero, no Estado, tem uma presença importante do setor de calçados. Essa observação torna-se relevante quando se tem em conta que o índice de preços que está sendo utilizado é medido para a indústria nacional de vestuário<sup>5</sup>, que inclui calçados, mas certamente com um peso menor que a participação do setor no gênero gaúcho.

Passando aos destaques positivos, o gênero bebidas deve ser relacionado por ter evoluído no *ranking*, do nono para o sétimo lugar, o que significou um ganho de 2,6 pontos percentuais na estrutura industrial. Se se quiser localizar no tempo os pontos mais significativos dessa transformação, sem dúvida se chega aos anos de 1990 e 1991,

<sup>4</sup> As Tabelas 3 e 4 mostram os índices de preços e de produção, ano a ano e acumulados no período. Já as Tabelas 5 e 6 mostram os desvios dos índices de cada gênero em relação à média da indústria, anualmente e no período todo. Essa informação, que envolve os desvios acumulados para os sete anos estudados, será bastante explorada na análise do desempenho dos gêneros.

<sup>5</sup> Coluna 59 — total do vestuário — da Fundação Getúlio Vargas.

quando os movimentos de preço e produção foram bastante superiores à média da indústria. Tomando-se a totalidade do período analisado, observa-se que os índices acumulados de preço e produção corroboram a *performance* do gênero, pois apresentam crescimento de 56% e 25%, respectivamente, acima da média da indústria.

De todos os gêneros analisados, o que apresentou melhor desempenho foi fumo. Pelo exame da Tabela 1, verifica-se uma firme trajetória ascendente ao longo de todo o período estudado. Essa trajetória é respaldada pelo movimento dos preços e da produção do gênero, que cresceram, respectivamente, 70% e 67% acima da média da indústria gaúcha. É interessante observar que, inversamente ao caso de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, fumo apresenta todos os anos do período com bons desempenhos, apenas sendo passível de destaque o ano de 1992. Com efeito, dos 6,9 pontos percentuais absorvidos dos demais gêneros durante os sete anos avaliados — o que retirou fumo do sexto lugar no *ranking* e o levou para o terceiro —, 2,6 pontos foram obtidos somente neste último ano, principalmente pelo movimento da produção.<sup>6</sup>

Encerrando esta seção, ainda merecem ser rapidamente comentadas as evoluções de outros gêneros. Uma delas é a de metalúrgica, que, apesar de manter a quinta posição do *ranking*, sofre uma perda em termos percentuais. Essa perda pode ser melhor localizada no movimento dos preços, que cresceram 21% abaixo da média, tendo os anos de 1986 a 1990 como período crítico.

Já o gênero mecânica é o que manteve a maior estabilidade em termos percentuais, se se verificarem apenas os pontos extremos do período, mesmo ganhando duas posições no *ranking*. Porém uma análise mais detida mostra que, até 1989, o gênero vinha evoluindo positivamente, ganhando 7,6 pontos percentuais na estrutura industrial gaúcha. Tal evolução foi tão favorável que, em 1988 e 1989, mecânica assumiu a liderança do *ranking*, deslocando produtos alimentares. Contudo, a partir do aprofundamento da recessão no Governo Collor, a queda foi bastante rápida, sendo causada principalmente pela evolução dos índices de produção.<sup>7</sup>

Por sua vez, os gêneros material elétrico e de comunicações e material de transporte apresentaram desempenhos semelhantes, com vantagem para o segundo. Em 1985, detinham parcelas praticamente iguais do VTI da indústria gaúcha e evoluíram relativamente bem até 1990, ano em que tiveram ótimo desempenho, tanto do ponto de vista de preços como do de produção. Porém os dois anos seguintes foram muito ruins para os dois gêneros, sendo que o primeiro terminou por perder posição ao longo dos sete anos estudados,<sup>8</sup> e o segundo, apesar da perda de uma posição no *ranking*, teve uma pequena melhora em termos de participação percentual.

<sup>6</sup> Observe-se que o crescimento da produção física da indústria fumageira do Estado em 1992 foi de 32%, baseado numa excepcional safra do produto.

<sup>7</sup> Entre 1990 e 1991, a produção mecânica gaúcha caiu 41%, influenciando decisivamente o resultado de todo o período, quando a produção do gênero foi 14% menor que a média da indústria.

<sup>8</sup> A evolução dos preços foi prejudicial ao desempenho de material elétrico e de comunicações, pois durante o período estudado, acumularam variação 25% inferior à do total da indústria.

Por fim, um último comentário deve ser feito a respeito da evolução de produtos alimentares. Esse é o gênero que detém a liderança do *ranking* da indústria gaúcha, partindo de 17% em 1985 e chegando a 21% em 1992. Entretanto, ao longo desse período, apresentou revezes, principalmente em 1989, quando seus preços e produção cresceram menos que a média, levando à perda da liderança para mecânica. A recuperação deu-se nos três últimos anos, destacando-se o de 1991, quando, por um movimento positivo dos preços e da produção, alcançou mais de 22% do VTI da indústria gaúcha.

#### 4 - A ligação com a agropecuária

Voltando-se à Tabela 2, é imperioso que se faça um comentário a respeito de um tema quase sempre presente — mas nem sempre explícito — quando se estuda a indústria gaúcha. Trata-se da forte ligação com o Setor Primário da economia. Com efeito, verifica-se que nos anos extremos da análise, com exceção de metalúrgica, os seis primeiros gêneros do *ranking* guardam uma relação estreita com o setor, seja como supridor de insumos, seja como transformador de seus produtos.

No primeiro caso, podem-se classificar os gêneros química — pela presença de adubos e fertilizantes — e mecânica — pelo peso das máquinas agrícolas no caso gaúcho.<sup>9</sup>

No segundo caso, relacionam-se os gêneros vestuário, calçados e artefatos de tecidos — com presença histórica ligada à pecuária extensiva, que é o início das cadeias produtivas da lã e do couro, e à colonização de origem alemã, representada pela indústria coureiro-calçadista do Vale dos Sinos —; produtos alimentares; e fumo.<sup>10</sup>

Somando-se as participações de cada um dos cinco gêneros antes mencionados na estrutura industrial gaúcha, obtêm-se 60% em 1985 e em 1992. Mesmo considerando que nem toda a produção dos gêneros relacionados como fornecedores de insumos está realmente associada à produção primária, os percentuais são altos o suficiente para respaldar a noção de que existe uma forte ligação com a base agropecuária.<sup>11</sup>

59,384 3318

<sup>9</sup> Ainda se poderiam listar, com uma relação mais tênue com o Setor Primário, metalúrgica — como supridor de insumos para máquinas agrícolas — e minerais não-metálicos, pela presença do calcário, usado como corretivo dos solos.

<sup>10</sup> Não se deve esquecer da parcela do gênero bebidas, que é ligada à produção de vinhos e sucos de frutas.

<sup>11</sup> O IBGE tem trabalhado com a noção de agroindústria gaúcha. A revista **Indicadores Econômicos FEE** do primeiro trimestre de 1993 traz um artigo de técnicos daquela instituição, avaliando o desempenho do setor em 1992.

## 5 - Um movimento de diversificação

Uma reavaliação detida da Tabela 2 permite que se observe mais um movimento importante da indústria gaúcha, mesmo tendo em conta que o período de sete anos estudado é curto para se retirarem conclusões características de um prazo mais longo. De qualquer forma, e talvez pela necessidade de adaptação ao quadro recessivo forte que se estabeleceu nos últimos anos, é possível identificar uma tendência de maior diversificação — aqui tomada como sinônimo de desconcentração — da estrutura industrial.

A Tabela 2 é um ponto de partida importante para essa conclusão. Caso se quisesse separar os gêneros mais destacados dos de menor importância em 1985, chegar-se-ia aos cinco primeiros do *ranking*, sendo que o quinto gênero em participação — metalúrgica — detém 9% do VTI da indústria gaúcha. A partir daí, os demais colocam-se num patamar muito inferior. Fumo, por exemplo, que ocupa a sexta posição, não chega a participar com 4%.

Fazendo-se o mesmo tipo de classificação para 1992, observa-se que o número de gêneros destacados aumenta para sete e que a distribuição das participações de cada um deles apresenta quedas bem mais uniformes do que em 1985 — o que até dificulta a separação dos gêneros considerados destacados. Verifica-se ainda, como conseqüência do exposto anteriormente, que o intervalo — em pontos percentuais — entre o grupo dos gêneros destacados e o dos demais diminui, pois o sétimo colocado detém pouco mais de 5% do VTI total, e o oitavo, 4%.

O mesmo movimento pode ser visto no Gráfico 1, que apresenta as curvas de concentração da estrutura industrial gaúcha nos anos de 1985 e 1992, de acordo com a variável VTI.

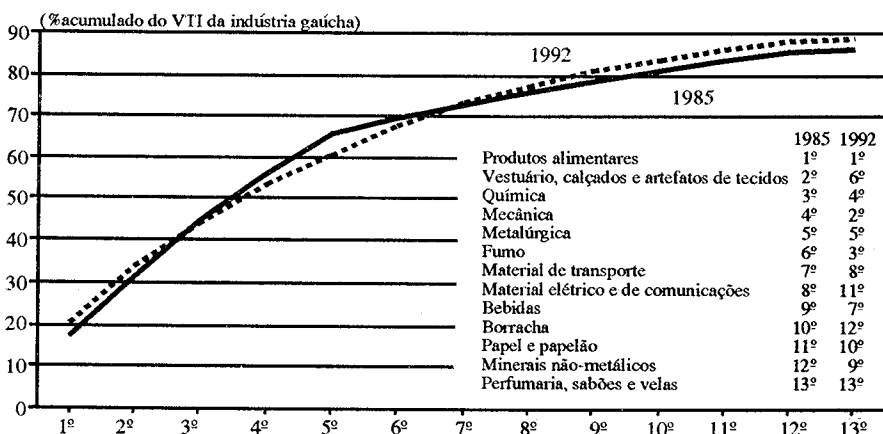
O primeiro aspecto a se observar é a "quebra" da curva de concentração de 1985 ao nível do quinto gênero do *ranking*. Essa abrupta mudança de inclinação da curva espelha a separação que existe entre o bloco dos gêneros destacados e o dos demais naquele ano. Já para 1992, constata-se uma curva de concentração que vai diminuindo sua inclinação de forma bem mais regular.

Em segundo lugar, deve-se observar que, apesar de os dois primeiros gêneros em 1992 acumularem um percentual de participação no VTI da indústria gaúcha pouco maior que o dos dois primeiros em 1985, a partir da incorporação do terceiro gênero — até o quinto ou sexto — é possível notar o processo de desconcentração em favor da estrutura de 1992. É importante salientar que é justamente nessa faixa intermediária do *ranking* — do terceiro ao sexto gêneros — que se pode visualizar a desconcentração da estrutura em 1992, através de uma curva mais baixa no Gráfico 1. Assim, se se toma uma razão de concentração marginal, por exemplo,  $CR_{3-5}$ <sup>12</sup>, obtém-se 34% em 1985 e 27% em 1992. Esse diferencial de sete pontos percentuais de desvantagem da estrutura de 1992 é suficientemente amplo para explicar uma desconcentração nesse ano.

<sup>12</sup>  $CR_{3-5}$  corresponde ao somatório das participações do terceiro, quarto e quinto gêneros do *ranking*.

**GRÁFICO 1**

**CURVA DE CONCENTRAÇÃO DA ESTRUTURA INDUSTRIAL DO RS — 1985 E 1992**



FORNTE DOS DADOS BRUTOS: Tabela 2.

NOTA: O eixo horizontal apresenta o ranking dos gêneros organizados em ordem decrescente de participação em cada ano.

A partir do sétimo gênero do ranking, observa-se que a curva de concentração de 1992 é superior à de 1985. Porém esse movimento é bem menos importante que o anterior, até mesmo por tratar dos gêneros menos expressivos da estrutura industrial. Todavia três aspectos lhe dão sustentação. O primeiro remonta ao início da distribuição dos gêneros no ranking, pois só os dois primeiros colocados em 1992 já acumulam mais de dois pontos percentuais em relação a 1985. Esse diferencial está, obviamente, incorporado nos acumulados subsequentes. Aliás, essa observação só reforça a anterior, da desconcentração da estrutura de 1992 na faixa intermediária do ranking, pois, quando se observa a curva mais baixa para esse ano no Gráfico 1, ela já contempla a participação maior dos dois primeiros gêneros em 1992.

O segundo aspecto é a já referida separação em dois blocos da estrutura de 1985, com o segundo bloco detendo pouca representatividade.

O terceiro é um aspecto que o gráfico esconde, pois os 2,5 a três pontos percentuais de diferença entre as curvas dos dois anos — do nono ao décimo terceiro gênero — correspondem, em magnitude, à diminuição da participação do gênero "outros", desde 1985 até 1992, quando ele detinha, respectivamente, 14% e 11% do total do VTI. Isto é, aqueles pontos percentuais se distribuíram entre os 13 gêneros pesquisados pelo IBGE em 1992, aumentando a concentração da estrutura a partir do sétimo gênero.



## 6 - Comentários finais

Apesar de se terem levantado algumas questões interessantes sobre a evolução recente da estrutura industrial gaúcha, é importante (re) fazer alguns comentários críticos em relação a esses pontos.

Uma primeira qualificação deve ser feita quanto à metodologia empregada. Ainda que não haja alternativa disponível, a opção de adotar os índices de preços da Fundação Getúlio Vargas, que se referem à economia brasileira em geral e não ao caso específico do Rio Grande do Sul, pode trazer distorções às estimativas realizadas, uma vez que não se respeitam as especificidades da indústria gaúcha. Já se havia alertado para essa questão em duas oportunidades anteriores, mas, aqui, retoma-se o tema. É claro que, quanto mais parecidas forem as estruturas internas dos respectivos gêneros gaúchos e brasileiros, mais apropriado será o uso dos índices de preços nacionais. É sabido também que a opção de montar um índice de preços para o total da indústria gaúcha apenas diminui o viés de se usar um índice nacional como representativo das variações de preços da indústria regional. Contudo, mantendo-se o devido cuidado com o uso que se possa fazer de estimativas apenas preliminares e tendo-se presente que um censo industrial provavelmente mostraria resultados um pouco diferentes, na ausência do censo fica esse exercício como uma contribuição para os interessados pelo tema.

Um segundo ponto que merece ser comentado é a tendência à diversificação — principalmente na faixa dos gêneros mais relevantes na estrutura — observada ao longo do período analisado. Apesar de se considerar esse movimento, a princípio, como vantajoso, na medida em que se reduz a dependência de uns poucos setores para se obter bons desempenhos no global — e isso pode ser especialmente importante em períodos de crise —, deve-se atentar para o fato de que os gêneros potencialmente mais dinâmicos, no sentido de incorporação e capacidade de difusão de progresso técnico, não tiveram avanços na estrutura industrial gaúcha. Assim, sob a ótica das mudanças tecnológicas que se processam a nível internacional, é legítimo questionar até que ponto o movimento detectado tem efetiva importância.

Por outro lado, deixando-se um pouco a questão da estrutura interna da indústria gaúcha para pensar-se numa avaliação mais global, é preciso lembrar que o movimento geral no período estudado foi ruim. A produção caiu 3,4% do início até o final do período, enquanto a população cresceu aproximadamente 10%, o que traz perdas significativas na produção *per capita*. Por sua vez, a indústria brasileira apresentou queda ainda maior, de 4,3% nos mesmos sete anos. Da maneira como foi obtido, o aumento de participação da indústria gaúcha, que resulta do confronto dessas taxas diferenciadas, não é motivo de satisfação. Em verdade, no momento em que a questão da constituição de blocos econômicos a nível internacional assume papel decisivo — e o MERCOSUL é uma situação já bem próxima —, o ponto relevante passa a ser a capacidade de efetiva integração da economia gaúcha, via economia brasileira. Portanto, a velha questão da participação do Estado na Federação perde muito do seu brilho.

Por fim, ficam algumas sugestões para avançar nessa linha de estudo. Um passo seguinte, e já tradicional para os estudiosos da economia gaúcha, é estimar, da mesma forma como aqui foi feito, a estrutura industrial brasileira e, a seguir, fazer as devidas comparações entre Rio Grande do Sul e Brasil.

Por outro lado, seria também interessante fazer um exercício de "abrir" o gênero "outros" com estimativas do crescimento da produção física dos gêneros que o compõem, utilizando-se, para tanto, de variáveis que possam funcionar como *proxies*. Enquanto o IBGE não levantar os dados desses gêneros da indústria gaúcha na sua Pesquisa Industrial Mensal, não resta outra alternativa.

Tabela 3

Índice de crescimento anualizado dos preços da indústria de transformação do RS — 1986-92

DISCRIMINAÇÃO	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	ÍNDICE ACUMULADO NO PERÍODO
Indústria de transformação	228,24	322,03	818,94	1 433,39	2 623,92	476,26	1 146,89	123 658 482,10
Minerais não-metálicos	230,25	416,53	838,18	1 527,87	2 533,76	485,95	1 278,12	193 278 069,68
Metalúrgica	210,40	306,35	773,38	1 436,04	2 332,94	482,33	1 220,23	98 291 187,40
Mecânica	220,50	358,14	965,52	1 501,60	2 704,07	421,94	1 177,43	153 801 657,77
Material elétrico e de comunicações	224,66	296,65	897,41	1 339,00	2 858,78	376,40	1 072,31	92 407 284,63
Material de transporte	222,92	363,77	866,25	1 366,67	2 882,70	455,92	1 183,97	149 382 485,46
Papel e papelão	213,73	327,65	971,15	1 430,61	2 241,26	484,36	1 171,53	123 733 634,62
Borracha	190,25	345,29	709,86	952,04	2 974,09	486,58	1 173,58	101 095 364,01
Química	201,88	337,18	714,71	1 276,67	2 804,51	497,24	1 213,63	105 118 389,51
Perfumaria, sabões e velas	229,77	329,78	965,61	1 672,73	2 843,89	450,28	1 387,23	217 412 054,07
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	225,80	281,70	815,47	1 715,43	2 186,87	412,17	970,33	77 823 647,31
Produtos alimentares	268,07	291,03	807,03	1 266,08	2 772,51	553,46	1 075,07	131 502 216,48
Bebidas	234,47	344,91	675,96	1 484,00	3 320,79	554,37	1 295,39	193 463 107,45
Fumo	253,65	383,99	845,42	1 796,35	2 507,40	486,80	1 164,10	210 175 327,44

FONTE DOS DADOS BRUTOS: CONJUNTIURA ECONÔMICA (1988/1993). Rio de Janeiro: FGV. (vários números).

NOTA: Os índices têm como base o ano anterior, com exceção da coluna do índice acumulado, cuja base é o ano de 1985.

Tabela 4

Índice de crescimento da produção física anual da indústria de transformação do RS — 1986-92

DISCRIMINAÇÃO	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	ÍNDICE ACUMULADO NO PERÍODO
Indústria de transformação	112,50	99,23	97,17	101,88	89,15	96,12	102,00	96,60
Minerais não-metálicos	126,84	102,08	96,20	113,24	82,63	92,71	105,87	114,41
Metalúrgica	117,18	100,51	91,26	105,91	84,09	107,07	97,76	100,20
Mecânica	134,57	101,72	94,71	105,61	70,12	83,20	103,77	82,88
Material elétrico e de comunicações	103,54	104,27	88,09	116,24	107,77	86,35	88,59	91,13
Material de transporte	143,76	96,11	102,24	102,67	98,70	77,85	85,95	95,80
Papel e papelão	111,21	99,94	98,01	105,67	90,79	105,62	97,36	107,48
Borracha	107,78	90,90	107,03	115,85	91,20	95,00	94,57	99,54
Química	103,11	104,61	90,47	90,16	92,30	84,66	114,30	78,58
Perfumaria, sabões e velas	113,40	100,89	90,64	94,60	91,87	113,95	105,13	107,97
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	108,49	90,71	96,25	100,16	88,40	89,40	100,57	75,40
Produtos alimentares	101,34	100,66	104,35	97,48	98,22	108,59	100,84	111,59
Bebidas	105,46	84,29	112,31	107,85	100,60	130,20	85,36	120,38
Fumo	100,55	103,88	112,85	104,08	99,68	99,79	132,37	161,52

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

NOTA: Os índices têm como base o ano anterior, com exceção da coluna do índice acumulado, cuja base é o ano de 1985.

Tabela 5

Desvio de preços — 1986-92

DISCRIMINAÇÃO								(%)
	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	DESVIO ACUMULADO NO PERÍODO
Minerais não-metálicos	0,88	29,34	2,35	6,59	-3,44	2,03	11,44	56,30
Metalúrgica	-7,3	-8,87	-5,56	0,18	-11,09	1,27	6,40	-20,51
Mecânica	-3,39	11,21	17,90	4,76	3,05	-11,41	2,66	24,38
Material elétrico e de comunicações	-1,57	-7,88	9,58	-6,59	8,95	-20,97	-6,50	-25,27
Material de transporte	-2,33	12,96	5,78	-4,65	9,86	-4,27	3,23	20,80
Papel e papelão	-6,36	1,74	18,59	-0,19	-14,58	1,70	2,15	0,06
Borracha	-16,64	7,22	-13,32	-33,58	13,35	2,17	37,20	-18,25
Química	-11,55	4,70	-12,73	-10,93	6,88	4,40	5,82	-14,99
Perfumaria, sabões e velas	0,67	2,41	17,91	16,70	8,38	-5,46	20,96	75,82
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-1,07	-12,52	-0,42	19,68	-16,66	-13,46	-15,39	-37,07
Produtos alimentares	17,45	-9,63	-1,45	-11,67	5,66	16,21	-6,26	6,34
Bebidas	2,73	7,10	-17,46	3,53	26,56	16,40	12,95	56,45
Fumo	11,13	19,24	3,23	25,32	-4,44	2,21	1,50	69,96

FONTE: Tabela 3

NOIA: Os valores representam as diferenças percentuais entre a variação dos preços de cada gênero e do total da indústria de transformação

Tabela 6

Desvio da produção — 1986-92

DISCRIMINAÇÃO								(%)
	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	DESVIO ACUMULADO NO PERÍODO
Minerais não-metálicos	12,75	2,87	-1,00	11,15	-7,31	-3,55	3,79	18,44
Metalúrgica	4,16	1,29	-6,09	3,96	-5,67	11,39	-4,16	3,73
Mecânica	19,62	2,51	-2,54	3,66	-21,34	-13,45	1,73	-14,20
Material elétrico e de comunicações	-7,96	5,08	-9,35	14,09	20,90	-10,17	-13,15	-5,66
Material de transporte	27,79	-3,14	5,22	0,78	10,72	-19,01	-15,73	-0,83
Papel e papelão	-1,14	0,71	9,86	3,72	1,84	9,88	-4,55	11,26
Borracha	-4,19	-8,39	10,14	13,72	2,31	-1,17	-7,29	3,04
Química	-8,34	5,42	-6,90	-11,50	3,53	-11,92	12,05	-18,65
Perfumaria, sabões e velas	0,80	1,67	-6,73	-7,14	3,06	18,55	3,07	11,77
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-3,57	-8,58	-0,95	-1,69	-0,84	-7,00	-1,40	-21,94
Produtos alimentares	-9,92	1,44	7,38	-4,32	10,18	12,97	-1,14	15,52
Bebidas	-6,25	-15,06	15,57	5,86	12,84	35,45	-16,31	24,62
Fumo	-10,62	4,69	16,13	2,16	11,81	3,81	29,77	67,21

FONTE: Tabela 4

NOIA: Os valores representam as diferenças percentuais entre a variação da produção de cada gênero e do total da indústria de transformação

## **Bibliografia**

- CARNEVALE, Rosângela, CARVALHO, Paulo G. M. (1993). A agroindústria do Rio Grande do Sul em 1992. **Indicadores Economicos FEE**. Porto Alegre, v.21, n.1, p.55-61.
- CENSO INDUSTRIAL: Unidades da Federação; dados gerais 1985 (1991). Rio de Janeiro: IBGE. (cópia xerox)
- CONJUNTURA ECONOMICA (1988/1993). Rio de Janeiro: FGV. (vários números)
- IBGE (1991). **Indicadores da produção industrial 1971-90**. Rio de Janeiro. (Estatísticas básicas: séries retrospectivas, n.2)
- INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA: Regional; produção física (1985/1992). Rio de Janeiro: IBGE. (vários números)

## **Abstract**

**This article makes an estimate of Rio Grande do Sul's industrial structure in the period 1985-1992. It takes the 1985 IBGE's Industrial Census as a starting point and estimates, year after year, the participation of every industry in the industrial structure. For this purpose, it uses the annual growth rate of prices and production of each industry. One of the results is that Rio Grande do Sul's industrial structure became less concentrated during the period studied.**